

A cidade e suas representações: um estudo com mapas mentais em Pirassununga (São Paulo, Brasil)

The city and its representations: a study with mental maps in Pirassununga/SP

GUSTAVO FERREIRA PRADO^A
LUCIENE CRISTINA RISSO^B

^a Mestrando em Geografia pela Universidade Estadual de São Paulo (Unesp), campus Rio Claro.

E-mail: gfprado@yahoo.com.br

^b Professora na Unesp, campus de Ourinhos, doutora em Geografia pela Unesp

E-mail: luciene.risso@unesp.br

Na ciência geográfica, a cidade e o urbano são refletidos a partir de diversas correntes de pensamento. No caso dessa pesquisa, utilizou-se a fundamentação teórica da geografia humanista cultural, em que o lugar é considerado como conceito relevante para a ciência geográfica, que vincula o ser humano ao meio pela perspectiva das experiências vividas. O objetivo principal foi investigar, observar e compreender as percepções e representações da praça central da cidade de Pirassununga (SP) pela população jovem. A interpretação foi realizada através da análise de mapas mentais, dialogando com a metodologia proposta por Kozel e à luz de outros autores. Como resultado, identificou-se as imagens urbanas e a significação do lugar para esse público com vistas a políticas públicas de proteção dos patrimônios. Conclui-se que os mapas mentais foram de extrema relevância na interpretação das subjetividades deste grupo social, tornando possível compreender os desejos e necessidades dos jovens em relação aos espaços públicos urbanos, bem como suas funções sociais.

Palavras-chave: lugar, mapas mentais, praça central, representações.

In geographical science, the city and the urban are reflected from different currents of thought. In the case of this research, we used the theoretical foundation of cultural humanist geography, where the place is considered as a relevant concept for geographical science, which links the human being to the environment through the perspective of lived experiences. The main objective was to investigate, observe and understand the perceptions and representations of the central square of Pirassununga (SP) by the young population. The interpretation was performed through the analysis of mental maps, dialoguing with the methodology proposed by Kozel and the light of other authors. As a result, we identified the urban images and the significance of the place for this public with a view to public policies of heritage protection. It is concluded that the mental maps were of extreme interpretation in the interpretation of the subjectivities of this social group, making it possible to understand the desires and needs of young people in relation to urban public spaces, as well as their social functions.

Keywords: place, mental maps, central square, representations.

INTRODUÇÃO

As cidades são estudadas em diversas áreas do conhecimento e de formas múltiplas. Nesta pesquisa, a cidade foi estudada a partir das lentes da geografia humanista cultural, mostrando as experiências urbanas e representações sociais dos mais jovens.

Tendo como recorte espacial a praça central da cidade de Pirassununga (SP), um espaço público muito frequentado pelos moradores e jovens e que possui importância para eles, “guardando” muitas histórias, fatos e eventos que, com o passar dos anos, foi fazendo parte da vida de cada um de maneira singular. Para os mais velhos, a praça é um lugar de memória, já para os jovens, não havia uma pesquisa específica, fazendo que surgisse a ideia de investigar o que os jovens percebem e experienciam nesse espaço.

Assim, o objetivo geral foi apresentar a visão dos mais jovens sobre a praça e entorno interpretando os mapas mentais solicitados como uma forma de auxiliar na proteção desse patrimônio urbano e na geração de políticas.

Os mapas mentais se inserem nas investigações relacionadas às experiências vividas e foram interpretados à luz dos conceitos geográficos de autores como Yi-Fu Tuan, no que diz respeito à percepção, atitude, ambiente e lugar, e Kevin Lynch, com seu diálogo sobre as experiências, evidenciando-se o lugar enquanto categoria de análise merecedora de destaque.

Como resultados, notou-se nos mapas mentais produzidos pelos jovens que a praça foi um lugar reconhecido e valorizado. Dessa maneira, a geografia humanista foi de extrema relevância para este estudo pois ela nos levou a refletir, a descrever e a interpretar as subjetividades presentes na paisagem urbana.

METODOLOGIA

As experiências urbanas foram coletadas através da solicitação de produção de mapas mentais para o público escolar. A metodologia está apoiada na metodologia de Kozel (2007), mantendo conexões com os indispensáveis conceitos de Tuan (1983, 2012) sobre a percepção, lugar, experiências e atitudes, e as experiências de Lynch (2006).

De acordo com a metodologia de Salette Kozel (2007), os quesitos de observações dos mapas mentais são: a) interpretação quanto à forma de representação dos elementos na imagem; b) interpretação quanto à distribuição dos elementos na imagem; c) interpretação quanto à

especificidade dos ícones: elementos da paisagem natural, elementos da paisagem construída, elementos móveis e imóveis, elementos humanos, além da complementação de análises: i) como as formas aparecem nas imagens? (letras, em forma de mapa, linhas, figuras geométricas); ii) a distribuição dos elementos: horizontalmente, isolados, forma dispersa, em perspectiva, circular. Dessa forma, o método busca ampliar as interpretações relevando as linguagens verbais e não-verbais, além de dados e informações explícitas ou implícitas.

Os mapas mentais foram coletados com um grupo de estudantes na faixa etária entre 15 e 16 anos, alunos da Escola Estadual Professora Therezinha Rodrigues, em Pirassununga/SP, da 1ª série do Ensino Médio, cuja curso aborda os conceitos relacionados a cartografia, croquis, atributos e elementos dos mapas. Todos os estudantes em questão têm como professor de geografia o próprio pesquisador do presente trabalho.

Os mapas mentais constituíram-se fundamentais nessa pesquisa e tiveram papel central em sua metodologia.

A CIDADE: PERCEPÇÕES E SUAS REPRESENTAÇÕES

Diante das habilidades cognitivas, cada indivíduo produz associações diferenciadas sobre os diversos ambientes da cidade. As ruas, as obras arquitetônicas, os parques, os bairros residenciais, as vias de acesso, os espaços públicos, enfim, todos os pontos e marcos que existem em ambientes urbanizados geram estímulos à imagem, ou seja, o designer da cidade em diferentes cenários vai colaborando na construção da imageabilidade das pessoas justamente sobre os ambientes. Assim Lynch (2006, p. 11) define imageabilidade:

A característica, num objeto físico, que lhe confere uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador dado, é aquela forma, cor ou disposição que facilita a criação de imagens mentais claramente identificadas, poderosamente estruturadas e extremamente úteis do ambiente.

Observa-se que isso ocorre de maneira singular, embora seja possível obter dados relativos a uma imageabilidade coletiva através de mapeamentos em grupos sociais, evidenciando as características que são comuns nas imagens mentais dos indivíduos. Sobre isso, Paula da Cruz Landim (2004, p. 50) afirma que:

A construção de uma imagem do ambiente urbano, fruto da percepção e da cognição, é um processo bilateral existente entre a cidade e seus cidadãos, mediante o qual o cidadão atribui valores a esse espaço urbano, sendo, portanto, algo extremamente subjetivo e particular. A cidade, por sua vez, também influencia o cidadão diferentemente. Mas, de qualquer forma, parece existir uma imagem entre os indivíduos de um mesmo grupo, e é essa imagem que nos interessa preservar, resgatando-a de nossa memória e de gerações anteriores, como um instrumento de identificação, de ligação, entre os cidadãos e sua cidade.

É necessário compreender que a criação de imagens contribui para se ter uma maior clareza das formas e do espaço urbano, à medida que se desenvolvem várias habilidades cognitivas, como a de se deslocar pelos locais com autonomia e assim suprir as necessidades das pessoas. Portanto, a criação de imagens claras e compreensíveis seria um ideal humano.

Uma cidade altamente “imageável”, nesse sentido específico (evidente, legível ou visível), pareceria bem formada, distinta, digna de nota; convidaria o olho e o ouvido a uma atenção e participação maiores. O domínio sensorial de tal espaço não seria apenas simplificado, mas igualmente ampliado e aprofundado. Uma cidade assim seria apreendida, com o passar do tempo, como um modelo de alta continuidade com muitas partes distintas claramente interligadas. O observador sensível e familiarizado poderia absorver novos impactos sensoriais sem a ruptura de sua imagem básica, e cada novo impacto não romperia a ligação com muitos elementos já existentes. Ele seria bem orientado e poderia deslocar-se com facilidade. A cidade de Veneza poderia ser tomada como exemplo de um ambiente assim, dotado de alta imaginabilidade. (LYNCH, 2006, p. 11)

A imageabilidade da cidade é carregada de associações, lembranças, imagens e experiências, o que pode trazer à tona a consciência humana da importância dos espaços urbanos, bem como da valorização dos ambientes e das construções humanas através da familiarização e das afetividades, assim sendo, pode haver uma constante significação e ressignificação do lugar e da cidade.

O primeiro requisito para esse apoio perceptivo é a conquista da identidade por meio da qualidade singular e contínua de paredes, pavimentos, detalhes, iluminação, vegetação, topografia ou linha de horizonte do ponto nodal. O essencial, nesse tipo de elemento, é que seja um lugar distinto e

inesquecível, impossível de ser confundido com qualquer outro. Sem dúvida, a intensidade de uso reforça essa identidade, e às vezes a própria intensidade de uso cria formas visuais de características únicas, como acontece em Times Square. (LYNCH, 2006, p. 113-114)

É através da imageabilidade que o ser humano constrói as imagens da cidade. Ao sentir, ver, tocar e ouvir o ambiente urbano ao seu redor, o observador interpreta-o à sua maneira, através de suas habilidades cognitivas. Podemos, com isso, afirmar que os sentidos humanos possuem uma capacidade indescritível em revelar as diferentes e individuais formas que os habitantes de uma cidade percebem o meio ao seu entorno. É com esta referida perspectiva que se estuda os aspectos e elementos relacionados à percepção geográfica.

A percepção é um processo contínuo de contato com o ambiente, que inclui processos sensoriais e cognitivos. Nesse processo perceptivo, vamos experienciando o espaço. Assim Yi-Fu Tuan define a experiência: “experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Estas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização” (TUAN, 1983, p. 9).

Através das experiências com o espaço, esse torna-se lugar, como nos diz Tuan (1983, p. 14): “Lugar é o sentido do pertencimento, a identidade biográfica do homem com os elementos do seu espaço vivido. No lugar, cada objeto ou coisa tem uma história que se confunde com a história dos seus habitantes.

A cidade experienciada, de acordo com Marandola Jr. e De Paula (2013, p. 142), “é intermediada por várias esferas do nosso modo de vida, desde nossos trajetos e deslocamentos diários até as formas mais efêmeras de nos relacionarmos com as pessoas e os lugares.

Lima e Kozel (2009, p. 209) dizem que “com a utilização dos sentidos que captam sensações, o homem constrói um mapa mental do seu mundo”. Com os mapas mentais, a capacidade visual aliada com o uso de imagens e através da cartografia cultural procura perceber o fenômeno à luz de representações realizadas com a práxis cognitiva dos indivíduos que a todo o tempo decodificam sensações, sons, cores e aromas por meio dos cinco sentidos que exploram o ambiente urbano por sua infinidade de informações objetivas e subjetivas.

Dessa forma, Kozel (2007, p. 1) conceitua mapas mentais como:

Entendemos os mapas mentais como uma forma de linguagem que retrata o espaço vivido representado em todas as suas nuances, cujos signos são construções sociais. Eles podem ser construídos por intermédio de imagens, sons, formas, odores, sabores, porém seu caráter significativo prescinde de uma forma de linguagem para ser comunicado.

Não se deve esquecer que o uso de imagens como representação do espaço sempre foi algo inerente à espécie humana desde os primórdios das civilizações, e com essa ideia os procedimentos parecem ir de encontro com os objetivos esperados. Segundo Lima e Kozel (2009, p. 211), “os mapas mentais são desenhos concebidos a partir das observações sensíveis da experiência humana no lugar e não se baseiam em informações precisas e rigorosamente estabelecidas”, até porque faz parte da existência e das experiências humanas um conhecimento que seja tácito, simbólico e subjetivo.

Os significados das diferentes representações ou linguagens são construídos a partir dos sentidos que na sua construção semiótica se transformam em enunciados. Podemos considerar como tal, imagens construídas a partir das sensações e percepções, assim como signos verbais ou não-verbais construídos a partir do mesmo processo. (KOZEL, 2007, p. 3)

Assim, o diálogo entre Kozel (2007), Lynch (2006) e Tuan (1983, 2012) permitiu a análise dos mapas mentais, que serviram para representar aquilo que o cognitivo absorveu dos sentidos humanos, através da observação das noções de distância, relações espaço-tempo, apreensão das dimensões, formas e tamanhos, limites afetivos e outras demandas espaciais. A meta é fornecer materiais para se obter um estudo da imagem da cidade que revele as ações, intenções e vivências dos cidadãos pela perspectiva da experiência e estabelecer relações entre a topofilia e a topofobia à luz de autores e estudos inerentes às experiências urbanas que constroem e conceituam o lugar enquanto categoria de análise geográfica.

ESPAÇO PÚBLICO: A PRAÇA

Espaços públicos como parques e praças podem se tornar lugares que favorecem a qualidade de vida e a intensificação das relações sociais. Os projetos de revitalização e o direito à cidade servem para satisfazer as necessidades dos indivíduos e beneficiá-los através do lazer e de momentos insubstituíveis que são compartilhados com outras pessoas.

A reflexão nos leva a pensar sobre a relevância dos espaços públicos enquanto espaços de cultura e construção da sociedade. O direito à socialização bem como as manifestações culturais se expressa majoritariamente nos espaços públicos urbanos, locais onde as relações sociais são intensas, o real e o imaginário coexistem, e dessa forma a história da cidade e de seus habitantes vai sendo escrita pouco a pouco a cada nova interação e a cada nova atividade.

Em se tratando de espaços públicos por excelência, é importante ressaltar as praças em áreas urbanas como meio de sociabilidade e interações humanas. Criadas e utilizadas há milênios para diferentes fins, as praças acompanharam as evoluções históricas e sociais e sempre participaram ativamente da construção sócio-histórica das cidades. Benevolo (2007), ao estabelecer contextos históricos, sociais e arquitetônicos sobre as cidades, já cita em seus estudos da Grécia Antiga que a assembleia dos cidadãos ocorria usualmente na “praça” do mercado, denominada *ágora*. Durante o período medieval, as casas se abriam para o espaço público e tinham uma fachada que contribuía para formar o ambiente da rua ou da “praça”. Benevolo (2007, p. 487) cita ainda a formação de praças nas cidades durante o período da América colonial:

As novas cidades seguem um modelo uniforme: um tabuleiro de ruas retílineas, que definem uma série de quarteirões iguais, quase sempre quadrados; no centro da cidade, suprimindo ou reduzindo alguns quarteirões, consegue-se uma praça, sobre a qual se debruçam os edifícios mais importantes: a igreja, o paço municipal, as casas dos mercadores e dos colonos mais ricos.

Isso nos leva a entender um destacável aspecto: muitas cidades do continente americano, inclusive no Brasil, seguiam o mesmo modelo descrito em que as praças estão relacionadas à formação de cidades.

As praças são espaços públicos carregados de manifestações culturais e símbolos, palco de acontecimentos históricos e de lazer, que acompanham gerações e modificações sociais, mas que também colabora para que tais mudanças ocorram.

O espaço público urbano praça, portador de símbolos, mítico, que congrega o imaginário e o real, marco arquitetônico e local de ação, palco de transformações históricas e socioculturais, é fundamental para a cidade e seus cidadãos. Local de convívio social, por excelência, esse espaço existente há milênios, utilizado

por civilizações de distintas maneiras, jamais deixou de exercer a sua mais importante função, a de integração e sociabilidade da população de um município. (DIZERÓ, 2006, p. 7)

Segundo a citação anterior, percebe-se que a principal função de uma praça é a de integrar a população local e favorecer a socialização entre os envolvidos. Portanto, partindo-se do princípio de que o ser humano é, antes de mais nada, um ser social por natureza, considera-se extremamente importante que existam tais espaços públicos dentro dos perímetros urbanos das cidades com a finalidade de atender a uma das necessidades naturais das pessoas, fomentando que as relações sociais sejam saudáveis e construtivas.

É importante, pois, salientar que as referidas relações sociais construtivas auxiliam na formação no cidadão e possuem ampla capacidade de contribuir de maneira positiva para a formação cultural e conseqüentemente para a minimização de problemas sociais.

As praças, um dos mais característicos exemplos de espaços livres, são unidades urbanísticas fundamentais para a vida urbana, configurando-se como locais para a prática de lazer passivo e ativo, além de servirem ao encontro e à convivência das pessoas e às atividades culturais e cívicas. Têm presença marcante na composição das cidades, levando-se em consideração sua diversidade e seu uso pela população, representando importantes elementos, tanto históricos como culturais. (SILVA; LOPES; LOPES, 2011, p. 199)

É importante perceber que ao longo da história da humanidade as praças urbanas acompanharam os habitantes de determinado local não só historicamente, mas socialmente, visto que o desenvolvimento das relações sociais e produções culturais locais sempre foi propagado pelos diversos espaços urbanos presentes no cotidiano das cidades. Ressalta-se que se a cidade tem a tendência a aglomeração e concentração, assim também os espaços públicos estarão sujeitos a uma intensidade maior de ações culturais e relações interpessoais.

Ao se tratar das relações interpessoais, observa-se que nas praças o fenômeno é bem representativo, porém não único, até porque é latente a existência das relações intrapessoais para com os espaços públicos, ou seja, é possível dizer que as praças são lugares onde existe uma infinidade de relações coletivas, mas que também é capaz de evidenciar inúmeras experiências individuais no íntimo de cada ser humano.

A PRAÇA “CONSELHEIRO ANTONIO PRADO” DE PIRASSUNUNGA (SP)

A praça central de Pirassununga possui 11.107,59 metros quadrados, 140 bancos de granito e limita-se entre as ruas Siqueira Campos, José Bonifácio, General Osório e Duque de Caxias (figura 1).

Figura 1 – Área de estudo: imagem de satélite da praça central de Pirassununga.



Legenda:

- 1 – Rua General Osório
- 2 – Rua Siqueira Campos
- 3 – Rua José Bonifácio
- 4 – Rua Duque de Caxias

Fonte: Google Maps (2018) (com alterações)

A praça foi criada por volta de 1880, época que refletia a ascensão do café na cidade e na região. Acompanhou, ao longo dos tempos, os desenvolvimentos sociais, tecnológicos e urbanos locais.

Várias revitalizações ocorreram na praça no decorrer dos anos, como obras no coreto (de 1939), substituição dos

bancos de madeira por bancos de granito e de espécies vegetais (eucaliptos/arbustos-Ficus-Sibipirunas), iluminação etc. E alguns elementos desapareceram, como o alto-falante.

As últimas reformas ocorreram em 2012, principalmente no sistema hidráulico, no calçamento, na iluminação e na restauração do coreto (figura 2).

Figura 2 – A Praça atual



Foto de Gustavo Prado.

Na praça, chamam atenção o coreto e os bancos de granito ofertados pelos principais comércios. Vários tipos de comércio foram extintos da cidade, mas seus nomes ainda podem ser vistos nos bancos da praça, evidenciando assim a importância do resgate histórico e dos estudos do espaço geográfico como análise sistemática social e cultural, pois revelam o poder econômico da cidade ao longo da história. São as “marcas” que as gerações passadas deixaram no espaço através da produção e da reprodução de suas ações e atividades.

Até hoje as famílias se reúnem na praça para ver e ouvir a corporação musical de Pirassununga tocar. A corporação musical “16 de julho” surgiu em 1902 e servia para homenagear o diretório do partido republicano existente no período. A banda passou a tocar na praça aos domingos e feriados por uma determinação da Câmara Municipal.

AS REPRESENTAÇÕES DA PRAÇA E ENTORNO PELA POPULAÇÃO MAIS JOVEM

Os mapas mentais foram confeccionados por adolescentes entre 15 e 16 anos de idade, visando o reconhecimento e aspirações sobre a praça central e seu entorno por parte da população mais jovem.

Os adolescentes que participaram da elaboração dos mapas são alunos da rede pública e estudam na Escola Estadual Prof^{ta} Therezinha Rodrigues, escola que se localiza na área urbana de Pirassununga.

Em 2019, durante o 1º bimestre letivo, a turma dos alunos citados, já na 1ª série do Ensino Médio, estudava a cartografia na disciplina de geografia, em que foram aproveitados conceitos como título, escala e elementos dos mapas, e assim solicitou-se que os estudantes confeccionassem um mapa mental do percurso realizado em volta

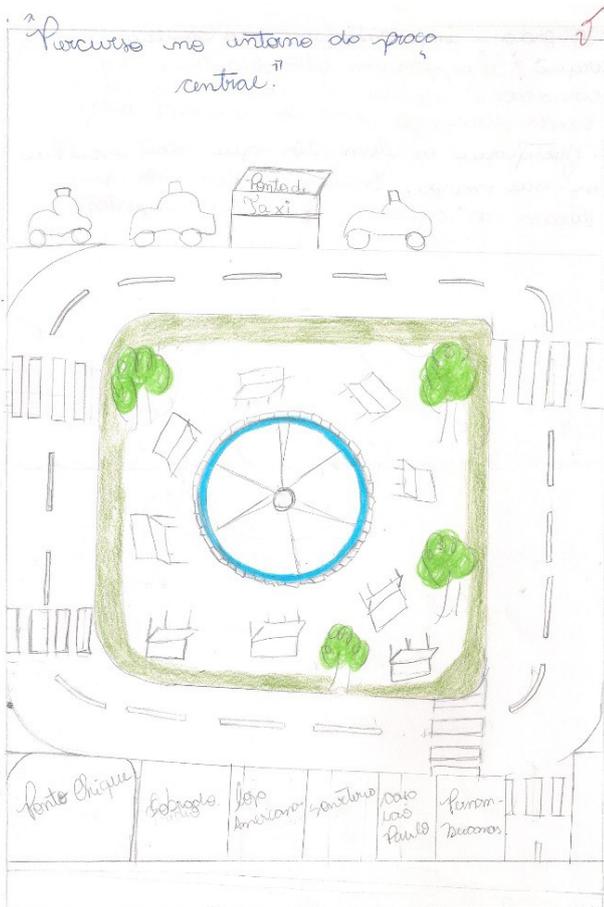
da praça Conselheiro Antônio Prado. Os mapas serviram de referência para se estudar a percepção da população mais jovem sobre o local, extraindo aspectos do “lugar”.

Tuan (1975, p.206) afirma que “os fenômenos mentais se tornam mais “tangíveis” ao relacioná-los com situações da vida real” (tradução nossa), e após reflexões, este trabalho com mapas mentais visa, portanto, tornar mais “tangíveis” as experiências reais a fim de poder compreender fatos e atividades do local abordado.

A análise dos mapas mentais seguiu o método fenomenológico segundo Lima e Kozel (2009) e através da abordagem qualitativa foram coletados dados e informações por amostragem.

A seguir, foram selecionados sete dos 25 mapas coletados (figuras 3 a 9) com posteriores ponderações a respeito de cada um.

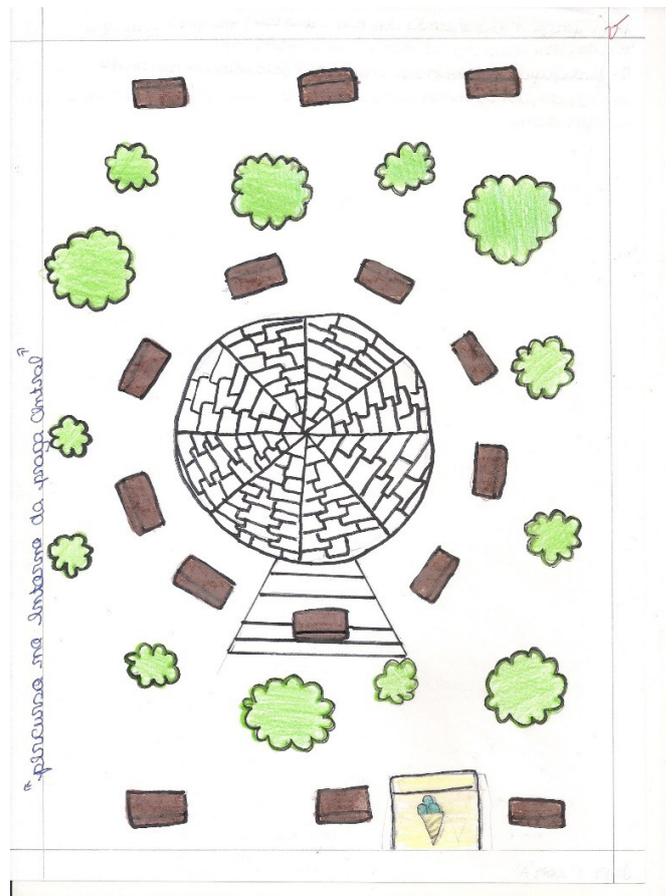
Figura 3 – Mapa mental 1



O mapa mental de G. F. M., 16 anos, representa uma forma fechada, que, de acordo com Tuan (1983), simula conforto e segurança, essenciais para a vida humana. Dentro da representação fechada, há a praça central da cidade, com destaque para os bancos que rodeiam o

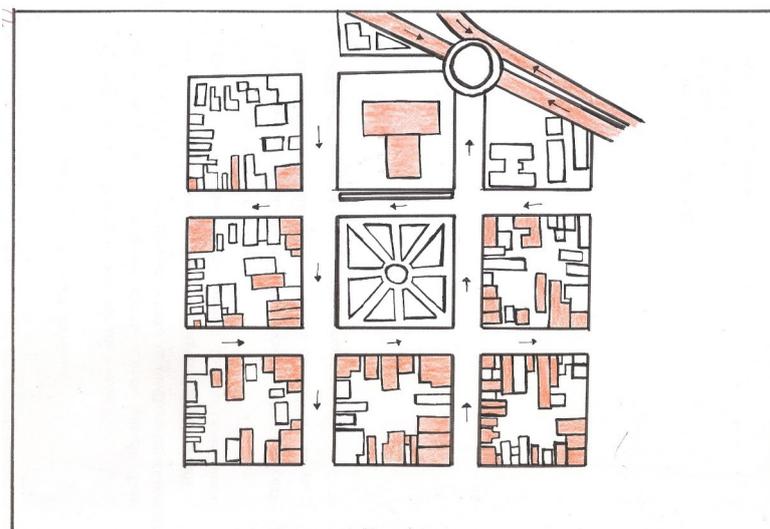
coreto. As pinturas feitas com verde e azul demonstram uma ênfase ao lago do coreto e à vegetação existente no local. No entorno da praça foram desenhadas faixas de pedestres em todas as esquinas e, junto às faixas, representando o meio da rua, nota-se empenho em ilustrar um fluxo considerável de automóveis e pedestres. Chama a atenção que fora da área fechada foram representados apenas os comércios da rua principal – a Duque de Caxias. Na parte superior, o ponto de táxi passa a admitir uma perspectiva horizontal, diferente do restante do desenho.

Figura 4 – Mapa mental 2



No mapa mental de J. M. dos S., 16 anos, a ênfase foi na praça e não no entorno. Os ícones da praça são representados próximos ao observador. Há uma perspectiva circular dos elementos dispostos com grande referência partindo do coreto. Os bancos da praça, bem como a arborização, são elementos naturais e culturais que se destacam, além de um comércio ser ilustrado isoladamente, no caso a sorveteria defronte à rua da praça central, de certo um local muito valorizado pelo adolescente. Nota-se uma despreocupação com as linhas, grades e solo do terreno, existem apenas as representações dos símbolos percebidos.

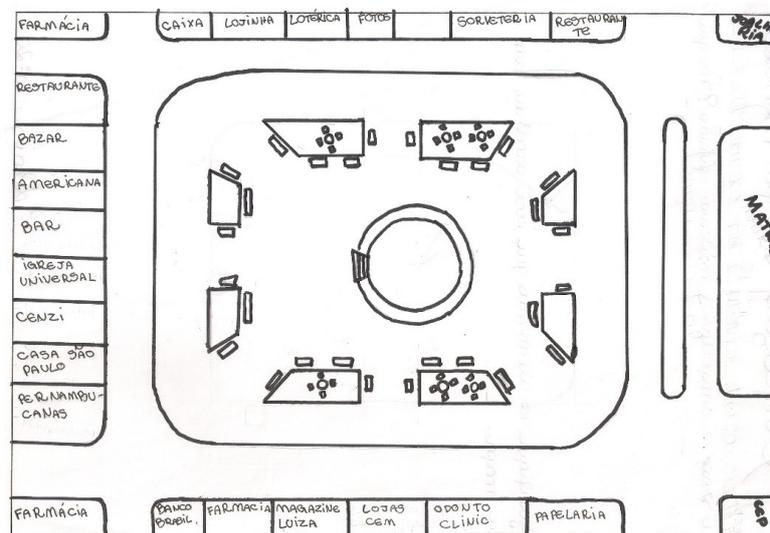
Figura 5 – Mapa mental 3



No mapa mental de T. R. B, 15 anos, os objetos, pontos e construções estão dispostos em quarteirões e demonstram que há conhecimento espacial da área, com visão ordenada e traçados geométricos enfatizados. As cores escolhidas explicam a tentativa de destacar os prédios comerciais como numerosos, bem como as vias principais. O percurso é representado com rigor através dos sentidos corretos dos fluxos no trânsito de veículos nas ruas principais do

centro. Lynch (2006, p. 58-61) diz que “as pessoas observam a cidade à medida que nela se deslocam e os outros elementos organizam-se e relacionam-se ao longo dessas vias [...]. Vias específicas podem tornar-se importantes [...]; o hábito de deslocar-se [...]; a concentração de um costume ou de atividades especiais [...]”. A praça é ilustrada com linhas e formas geométricas, explicitando as entradas e calçamentos que convergem ao coreto.

Figura 6 – Mapa mental 4



O mapa mental de L. Ap. P., de 16 anos, destaca o coreto, bancos da praça e as mesinhas com bancos para jogos que foram feitos pela prefeitura, além da parte em que há presença frequente de jovens. As constantes palavras foram utilizadas devido à necessidade da expressão, a linguagem formal é nítida no desenho com a finalidade

de fixar a ideia que se buscou mostrar (LIMA; KOZEL, 2009, p. 218). Há uma preocupação em formalizar todos os comércios existentes no entorno da praça, explanando a importância destes na área central. Há também a indicação escrita das instituições públicas mais próximas. Inexiste qualquer detalhe a respeito do trânsito.

Figura 7 – Mapa mental 5

No mapa mental 5, de I. da S. R., 16 anos, a perspectiva horizontal foi utilizada como sinal de aproximação e a paisagem é humanizada, proximidade descrita por Lima e Kozel (2009, p. 210): “A distância é um elemento essencial na estruturação do mundo, experimentada como qualidade. O perto e o longe, o lá e o aqui, expressam qualidades subjetivas”. Foram enfatizadas características relacionadas ao trânsito, como a faixa de

pedestres, semáforo, automóveis, vagas para estacionamento e ponto de táxi. Destaque para a tentativa de representar o calçamento tipo português e a rua com paralelepípedos. A escolha foi da rua Duque de Caxias, a principal, e há necessidade de expressão formal em apenas um comércio: a sorveteria, único local ilustrado com presenças humanas, denotando-se o local mais frequentado pela autora.

Figura 8 – Mapa mental 6

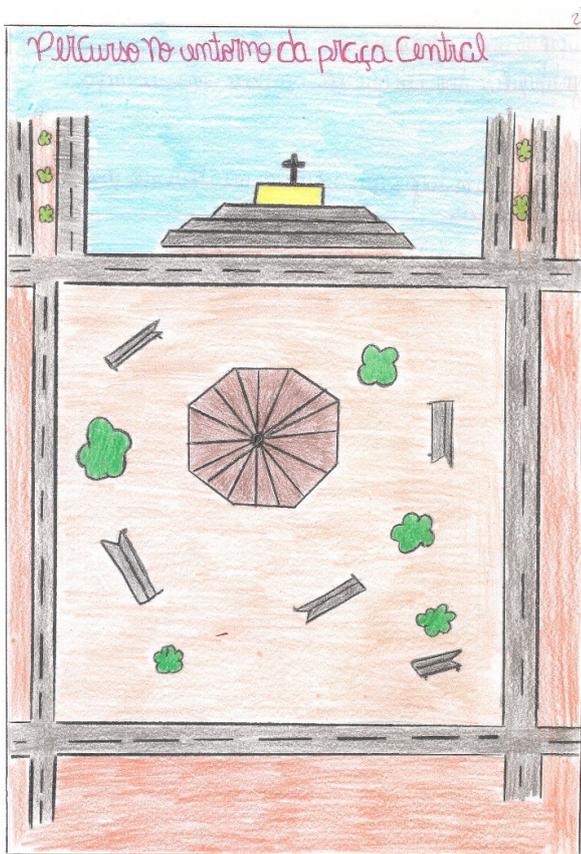
O mapa mental de P. F. B., 15 anos, foi realizado de forma aérea. Possui uma forma rigorosa, atentando-se às linhas, formas e tamanhos, explanando grande conhecimento sobre a área. Ao receber a missão de ilustrar o “percurso no entorno da praça”, o autor decidiu representar um recorte do centro da cidade, pois para ele o entorno não significa somente as ruas que limitam sua

volta, mas sim as várias quadras que possuem a praça como referência. Nota-se que há destaque nos quarteirões onde se localizam a praça central e o Santuário Bom Jesus dos Aflitos, com apresentações diferenciadas na visão aérea quando comparados aos demais quarteirões. Além disso, as linhas suaves e sinuosas utilizadas para demonstrar o espaço da praça contrastam com as linhas firmes

e retas usadas para retratar as residências e comércios. Não há cores no desenho, com a finalidade de chamar a atenção para as formas e simetrias. Valorizam-se os espaços construídos. Para Yi-Fu Tuan, os mapas mentais também podem ser imagens de mapas reais:

Um mapa mental pode ser a imagem de um mapa real, ou seja, uma abstração de um mapa real que é em si uma abstração da realidade [...] As imagens discretas de uma cidade – por exemplo, cenas de lojas, monumentos e esquinas. – pode ser reestruturado mentalmente em um plano. (TUAN, 1975, p. 209, tradução nossa)

Figura 9 – Mapa mental 7



No mapa mental de V. R. dos S., 16 anos, a parte central, feita com vermelho mais claro, retrata uma afetividade em relação ao lugar, cuja área é fechada, demonstrando segurança e aconchego. Os ícones representados são os bancos e as árvores ao redor do coreto. Nota-se principalmente as arborizações fora da praça, mais distantes do observador, que as que estão dentro dela. Não há preocupação com os comércios que circundam o local pois há ênfase no espaço público. É percebida uma importância na igreja, o Santuário Senhor Bom Jesus dos Aflitos, onde foi ilustrada uma

escada que lembra uma pirâmide, com a cruz acima, em destaque; o amarelo é utilizado somente para isso. A escolha foi retratar a igreja na parte superior do desenho com coloração azul, representando o céu, ou seja, o divino – cosmografias (TUAN, 1996, p. 92).

Além da confecção dos mapas mentais, foi solicitado aos alunos que respondessem duas perguntas no verso do desenho com a finalidade de obter maiores informações dos estudantes com relação ao lugar representado.

A primeira pergunta foi: “A praça central da cidade é importante em sua opinião?”, em que os adolescentes responderam por unanimidade que sim e justificaram a questão de diversas formas com apontamentos diferentes.

Os estudantes disseram que a praça faz parte da história de Pirassununga e que é uma atração por estar no centro da cidade. Ressaltaram que é um lugar que representa um ponto referencial, estando nas proximidades de outros pontos importantes e que o local favorece lazer para a população. Chama a atenção também o fato de que elencaram a Escola Estadual Pirassununga e o Santuário Senhor Bom Jesus dos Aflitos como patrimônios da cidade e citaram, ainda, atividades que consideram importantes, como o carnaval e as batalhas de rima que ocorrem às sextas-feiras.

A segunda pergunta foi: “Justifique os elementos que você escolheu em seu mapa”, em que os alunos descreveram ícones, símbolos e demais elementos que foram escolhidos por eles para representar no desenho e em seguida escreveram o porquê das respectivas escolhas.

Notou-se, em geral, que os elementos que apareceram com mais frequência nos mapas mentais foram o coreto, as árvores, os bancos, os lugares destinados aos jogos, a igreja, a escola e o ponto de táxi. A maioria dos estudantes justificaram suas escolhas dizendo que são áreas de maior movimento de pessoas, locais que proporcionam lazer, atrações da praça, pontos e objetos mais conhecidos e, além disso, citaram que as escolhas foram feitas porque são as coisas mais importantes do local.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

As representações da imagem urbana da praça pelos jovens destacaram que eles percebem a praça como um referencial espacial, um espaço público de lazer e como o principal patrimônio do centro da cidade. Isso significa que usam (tomam sorvete, participam de eventos culturais, como a batalha de rimas e carnaval) e valorizam a praça, já que lá existem atividades que esses jovens frequentam. O coreto da praça ainda é um espaço para

apresentação de artistas e os bancos são importantes para a socialização e contemplação.

Dessa forma, a praça não é somente um espaço, mas um lugar. Sendo como tal, é necessário que o poder público continue realizando ações culturais na praça, cuidando para que esse espaço público continue valorizado. Quanto mais as pessoas frequentam, menos entrada para vandalismos e violências. Os jovens perceberam, também, a escola e a igreja como patrimônios importantes da área central.

Considera-se, portanto, que os mapas mentais podem ser metodologias inovadoras pela abordagem da geografia humanista quando há a finalidade de investigar o lugar e suas representações.

Através deste estudo conclui-se que os mapas mentais representando imagens da cidade foram de extrema relevância na interpretação das subjetividades, focando o próprio grupo social e, dessa forma, tornando possível compreender os desejos e necessidades das populações em relação aos espaços públicos urbanos, bem como suas funções sociais.

REFERÊNCIAS

BENEVOLO, L. **História da cidade**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

DIZERÓ, J. D. **Praça do interior paulista**: estudos de caso nas cidades de Ribeirão Preto e Monte Alto/SP. 2006. Dissertação (Mestrado em Urbanismo)– Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2006.

KOZEL, S. Mapas mentais – uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. In: KOZEL, S. *et al.* (org.).

Da percepção e cognição a representação: reconstruções teóricas da geografia cultural e humanista. São Paulo: Terceira Margem, 2007. p. 114-138.

LANDIM, P. C. **Desenho de paisagem urbana**: as cidades do interior paulista. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

LIMA, A. M. L.; KOZEL, S. Lugar e mapa mental: uma análise possível. **Geografia**, Londrina, v. 18, n. 1, 2009.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MARANDOLA JR., E.; DE PAULA, L. T. Imagem e ilegibilidade da forma urbana de Campinas. **Revista Rua**, Campinas, n. 19, v. 2, p. 141-160, 2013.

SILVA, G. C.; LOPES, W. G. R.; LOPES, J. B. Evolução, mudanças de uso e apropriação de espaços públicos em áreas centrais urbanas. **Revista Ambiente Construindo**, Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 197-212, 2011.

TUAN, Y-F. **Espazo e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Y-F. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012.

TUAN, Y-F. Images and mental maps. **Annals of the Association of American Geographers**, Abingdon, v. 65, n. 2, p. 205-213, 1975.

TUAN, Y-F. **Cosmos and hearth**: a cosmopolite's viewpoint. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.